

— Dessas histórias que não se explicam: fui criada por minha tia

E Nancy virava a página da partitura, lançando um olhar ao vazio, bem por cima do metrônomo parado, sobre o piano que já não aspirava nem mesmo ao tempo exato.

— Dessas histórias que não se explicam — repetia ela — minha mãe com filhos demais e minha tia sem nenhum.

O aluno ouvia mais a prosa que a música arranhada pelos seus dedos trôpegos. Imaginava que todos os compassos latejavam no sangue do mestre e queria chegar àquele sabor, mas sentia o vácuo sob os pés, que não alcançavam sequer os pedais. Ela segurava a sua mão direita, guiando a melodia incerta; o menino cuidava acurado da esquerda, esperando por um Ravel dos abandonados..

— Minha tia saiu do convento para casar, nunca teve noção de nada. Quando eu fiz quinze anos, meu tio me deu toda a responsabilidade da casa. Todo mês me dava o dinheiro da despesa e eu é que administrava tudo. Titia até hoje é uma criança..

A mãe do menino assentia com a cabeça, admirada: vejam só, mas a vida é assim mesmo, o que tira de um, bota nos outros — a senhora aí com juízo sobrando para as duas. Nancy fungava, quase ofendida com o consolo: o excesso de juízo sempre lhe dera mal estar, uma espécie de vertigem atraente e amarga.

Finda a aula, jogou o corpo na poltrona para descansar. Não sabia por que contava sua vida para aquela mãe. Talvez porque fosse a única que ficava para assistir à lição, já que morava longe e por ali não havia comércio que prestasse. As crianças da vizinhança vinham sozinhas e Nancy era cumprimentada com respeito e distância pelas famílias do bairro. Respirava fundo e olhava para o aquário, onde os peixinhos de caudas fartas estavam sempre mudando de rumo com espanto, diante do escafandrista que soltava bolhas.

Refeita, foi até a copa, onde a mesa do lanche estava posta. Seruiu-se chamando pela tia, que apareceu como saída de um desvão de armário. Ninguém conseguia imaginar o que faria o dia inteiro aquela criatura carcomida pela catarata e pela bobeira. Nancy mastigava com vontade o pão com manteiga. Parou de beber o café com leite, nauseada com o barulho que a empregada fazia, vomitando no banheiro dos fundos. Evitou falar com a tia, mas pensava: outra vez, será que a Isaltina está grávida?

Depois, desembrulhou o tricô: estava quase acabando os sapatinhos iniciados de manhã. Já era o nono enxovalzinho de lã que depois embrulharia em papel de seda e guardaria na caixa de papelão. No ano passado, entregara vinte e três deles para a festa de Natal do Centro Espírita: bonitos, de cores, modelos e pontos variados. E Nancy tinha a vaidade dos cálculos exatos: sempre fazia os últimos de listras para não haver sobras de lã.

Na terça-feira seguinte, o menino voltou no seu compasso frouxo. Olhava com desânimo para a partitura da "Pour Élise", que lhe dava o enjôo excessivo de um final de cocada. Queria tanto tocar a "Marcha Turca", mas Nancy dizia que ainda era difícil para ele. Agora lhe chegavam nítidas à cabeça as palavras: "Titia até hoje é uma criança". Sempre que tocava era assim: trapos de conversa se enrolando nas notas açucaradas.

— Tenho uma irmã que se chama Neuilly. Veja bem que não é Nely, é Neuilly — dizia a professora, fazendo um bico severo. E já tenho três sobrinhos que nem conheço, pois não me dou com ela. Essa minha irmã se casou com um português dono de armazém e mora em Cordovil.

Aquele compasso, tão bom de escorregar o dedo, ia ser o compasso da Neuilly, pensava triste o menino, enquanto sua mãe, paciente e opaca, não percebia nada.

— Mas quem sempre me valeu foi meu padrinho, que é deputado. Quando meu tio morreu, foi quem me botou dando aula no Conservatório. Fiquei sendo o homem da casa — aprumou-se. Mas consegui ir adiante. São poucas as professoras do Conservatório que são maestrinas como eu.

O ar solene compôs a figura, que envergava uma casaca de vento e esticava o indicador como batuta para o menino espantado. Ele bem que gostaria de fugir de tudo aquilo, mas era como se a música mais a novela semanal da professora espalhassem um mel que era goma arábica e o prendia na banquetta. Pedia socorro com os olhos a uma fila de pingüins de louça que emigrava de uma ponta à outra do piano armário, mas aquilo era como um eterno glissê de ida e volta, ferindo-lhe os dedos e a alma.

Depois da aula, Nancy se deixou ficar na poltrona, fitando o Tratado de Anatomia lustroso na estante: o que sobrou do curso de Medicina, interrompido quando o tipo morreu. Não lamentava o des-

vio profissional, pois nunca pensara em pessoas doentes com muita simpatia. Era mais a voragem de conhecer o recôndito do corpo humano. E ainda se lembrava — tantos anos passados — do nome exato de cada nervo e cada músculo. De si, sabia das mãos: as do teclado e as do tricô. Mas foi lanchar porque tinha dentes — era até meio dentuça e mastigava com prazer, embora comesse pouco e sem luxo.

Mais tarde, foi ver se vinha chuva no quintalzinho cimentado. No alto do muro, um gato fazia menção de descer, para revistar a lata de lixo. Nancy imaginou que não suportaria o barulho da tampa de folha caindo no chão. Voltou rapidamente à cozinha, apanhou uma pelanca dos bifés do jantar e jogou-a no cimento. Entrou, vigiando o gato pela vidraça. Seu focinho róseo se dilatava, as orelhas espetadas, sem se decidir. De repente, o pulo e o arrebate, de volta ao muro para comer. No dia seguinte, na mesma hora, a mesma fome. Assim foi chgando todos os dias, cada vez mais perto, criando um novo hábito em Nancy, que se comprazia em vê-lo apenas, nunca tentando acariciá-lo.

Na segunda-feira, o gato foi mais rápido e ousado, esfregando-se nas pernas da moça, que trazia a pelanca. O arrepio deixou-lhe na boca um gosto de metal que pouco a pouco foi ensimesmando. Seu tricô foi então mais lento, caricioso fio natural exato.

Na aula seguinte, embora a mãe do aluno lá estivesse como sempre, Nancy falou pouco e acompanhava a melodia atenta, marcando o compasso com o pé e balançando a cabeça. O menino estranhava os novos modos, ressabiado. E a mão da professora sobre a sua, que nunca o incomodara, agora pesava mais que o piano, na imponência das suas madeiras trabalhadas, e mais que a calda espessa da música. Mal satisfeita com o desajeito do aluno, de repente Nancy cantou agudo umas notas que pareciam atravessar o forro e ir parar no telhado. A tranqüilidade que a envolveu depois dava a entender que atingira o alvo como um dardo. O menino olhava espantado para aquele jato de som cristalizado no ar como a cauda de um cometa de algodão doce. O gato lá em cima espetara as orelhas e farejava longe, meio perdido, um cheiro de carne fora de hora.

Quando terminou a aula, Nancy deixou-se ficar na poltrona, sem vácuo mental. O gato a espiava do lado de fora da vidraça. A moça pendeu a cabeça quase cochilando, livre da avidez do tricô e olhando quase sem ver os peixes do aquário. Perdeu a noção dos nervos e dos músculos, que antes latejavam o tempo todo, marcando o compasso do corpo. Foi a tia quem chamou para o lanche uma Nancy sem fome, mas cujos dentes trabalharam sem esforço.

Deixou a pelanca no lugar de costume e voltou à poltrona, ao semicochilo. Embora o corpo mais liberto, sentia as pestanas pesando chumbo e, para aquém do sono, uma leve náusea. Mas não se ateve a e a, ocupada por inteiro em aninhar-se ao colo da poltrona. Uma vida, se tivesse, ficaria assim. Da janela o gato farejava. Preciso e leve como

o aço, de um pulo estava à borda do aquário. Nancy cultivando a sonolência, toda ela fluida, um contínuo informe impossível de emprestar aos movimentos do aquário. O gato olhava imóvel para eles, concentrado. De repente, a patada rápida e o peixe na boca. Bigodes lambedos com a higiene exata, avançou e, de um salto medido em milímetros, apossou-se do colo de Nancy, que não pareceu perceber, recebendo o quente e macio como um novo estágio do torpor.

Não é que tinha um colo? — acordou surpresa, um pouco depois. Ela, que tantas vezes pensara com nojo na irmã, misturando o parto, as fraldas sujas e o português peludo. Ansiando pelo dócil da lã, encontrava os pelos selvagens do gato. O concreto do tricô se espessava e fugia ao seu controle, a angústia subindo-lhe à garganta. Que fazer, meu Deus, com essa vida em bruto nas mãos?

Ofertando a Nancy o próprio colo dela, o gato exigia-lhe um saque de mil anos. Reavido o que era seu, ela o estranhava como a um objeto arqueológico, contemplando-o até saturar com o desespero inútil de tudo o que não sobrevivera. Estava tendo que ser agora, sem nunca ter sido antes com exatidão.

A poltrona e seu colo aprendiz tornaram-se o habitat de Nancy. Mas o sofrimento era sentir que o colo de verdade era mais do gato que seu, estava ali sem projeto nem futuro. Quando tocou a campainha e a moça acordou para o aluno que chegava, percebeu-se uma linha quebrada, esquema exato de mulher, faltando o estofado.